

Vittalle

REVISTA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitor  
CARLOS RODOLFO BRANDÃO HARTMANN

Vice-Reitora  
MARIA ELISABETH G. DA SILVA ITUSARRY

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis  
MARIA ANTONIETA LAVORATTI

Pró-Reitor Administrativo  
CARLOS KALIKOWSKI WESKA

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento  
HUMBERTO CAMARGO PICCOLI

Pró-Reitor de Graduação  
JOSÉ CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação  
MILTON LAFOURCADE ASMUS

#### EDITORA E GRÁFICA

Coordenador  
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Divisão de Editoração  
JOÃO BALANSIN

#### CONSELHO EDITORIAL

Presidente  
CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN

Vice-Presidente  
WALTER AUGUSTO-RUIZ

Titulares  
DAOIZ MENDOZA AMARAL  
FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
IVALINA PORTO  
LUIZ HENRIQUE TORRES  
JOÃO MORENO POMAR  
JOSÉ HENRIQUE MUELBERT

Correspondências deverão ser enviadas para:  
Editora da FURG  
editfurg@mikrus.com.br  
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/  
Luiz Lorea, 261  
CEP 96201-900 – Rio Grande – RS – Brasil

**Vittalle**  
REVISTA DE CIÊNCIAS  
MÉDICAS E BIOLÓGICAS

#### COMITÊ EDITORIAL

Prof. Dr. CLAUDIO MOSS DA SILVA  
Departamento de Medicina Interna

Prof. Dr. DAOIZ MENDOZA AMARAL  
Presidente

Prof. Dr. DIONÍSIO LOCH  
Departamento de Ciências Morfo-biológicas

Prof.ª Dr.ª ELI SINNOTT SILVA  
Departamento de Ciências Fisiológicas

Prof. Dr. FLAVIO HANCAIU  
Departamento de Cirurgia

Prof. Dr. JORGE ALBERTO CASTRO  
Representante da Comissão de Revisores

Prof. Dr. NILDO ELI MARQUES D'AVILA  
Departamento Materno-Infantil

Prof. Dr. OBIRAJARA RODRIGUES  
Departamento de Patologia

Prof.ª Dr.ª VERA LÚCIA DE OLIVERIA GOMES  
Departamento de Enfermagem

Solicitamos intercâmbio

Endereço para correspondência:  
Fundação Universidade Federal do Rio Grande  
Núcleo de Informação e Documentação  
Campus Carreiros  
Caixa Postal 474  
CEP 96201-900 – RIO GRANDE – RS

Integrante do PIDL

Editora Associada à  
**ABEU**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

**EDUNI-SUL**  
REVISÃO DAS EDITORAS  
UNIVERSITÁRIAS DA REGIÃO SUL

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

# Vittalle

REVISTA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS



ISSN 1413-3563

Vittalle	Rio Grande	v. 16	n. 1	p. 1 - 83	2004
----------	------------	-------	------	-----------	------

Direitos reservados desta edição: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande

2004

Formatação e diagramação:

João Balansin  
Selene Barenho

Revisão: Joana Amaral  
João Reguffe

VITTALLE: Revista de Ciências Médicas e Biológicas:  
Editora da Fundação Universidade Federal do Rio  
Grande – vol. 16, n. 1, – Rio Grande, RS: Editora da  
FURG, 1985 – .

Anual

ISSN 1413-3563

1. MEDICINA 2. BIOLOGIA – Periódico I. Fundação  
Universidade Federal do Rio Grande.

CDU 61: 57

Catlogação na fonte: Prof.<sup>a</sup> Enriqueta Graciela D. de Cuartas – CRB 10.519

## INTRODUÇÃO À BIOÉTICA\*

SÉRGIO IBIAPINA FERREIRA COSTA\*\*  
DÉBORA DINIZ\*\*\*

A história conta que Rui Barbosa foi um dos maiores opositoristas da vacinação obrigatória no Brasil. O início do século XX foi um período marcado por grandes e avassaladoras epidemias que exigiram dos governos uma revisão de suas políticas de saúde. A obrigatoriedade da vacinação foi uma dessas medidas adotadas por quase todos os países do mundo, inclusive pelo Brasil. A contrariedade de Rui Barbosa não foi consequência de uma insanidade temporária do escritor ou mesmo de uma oposição política sem fundamento às idéias de Oswaldo Cruz. Naquele período, a possibilidade de imunização por meio de vacinas era uma descoberta sem precedentes, e os impactos morais e sociais ainda não haviam sido devidamente apreciados pela população, tampouco pelo liberal Rui Barbosa. O contra-argumento de Rui Barbosa era que os cidadãos estariam sendo desrespeitados em sua integridade e autonomia (em suas palavras, “violavam-se as liberdades públicas”), se fossem submetidos à lei da vacinação obrigatória, recém-promulgada, de autoria do então senador Lauro Sodré. Ou seja, independente dos benefícios sociais da vacinação no que dizia respeito ao controle e prevenção de epidemias – na verdade, naquele período, falava-se mais de promessas de prevenção do que mesmo de certezas quanto à eficácia das vacinas –, a oposição de Rui Barbosa justificava-se pela defesa irrestrita da liberdade dos cidadãos.

Passado pouco mais de meio século da polêmica em torno da vacinação, a figura opositorista de Rui Barbosa perde-se na História. É praticamente impossível encontrarmos, hoje, razões morais para as crenças antivacinais do político-escritor. A vacinação<sup>1</sup> obrigatória é, portanto, um dos poucos itens das normas de saúde pública consensualmente considerados necessários ao País. Não se fala mais

---

\* Revista CREMERS, v. 74, jun. 1999.

\*\* Médico, editor da revista *Bioética*, do Conselho Federal de Medicina (CFM)

\*\*\* Antropóloga, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da Universidade de Brasília e consultora de bioética da CFM. E-mail: [debdiniz@zaz.com.br](mailto:debdiniz@zaz.com.br)

da “imoralidade”, do “desrespeito” ou mesmo da “violência” da vacinação pública obrigatória. Regra geral, as famílias submetem-se pacificamente às exigências da vacinação. Não se noticiam mais os dilemas morais em torno da imunização, como era comum no início do século XX. A eticidade da vacinação atravessa diferentes credos, classes sociais, etnias e religiões.

Seguramente, se a bioética tivesse surgido naquela época, o tema da vacinação pública obrigatória comporia o rol de referência dos bioeticistas de abordagem temática, juntamente com outras questões já clássicas, como o aborto, a eutanásia ou o transplante de órgãos<sup>1</sup>. Tanto bioeticistas quanto representantes de movimentos sociais organizados se empenhariam em analisar os dilemas morais e as conseqüências sociais e individuais da adoção da nova técnica de imunização. Certamente adotariam uma postura semelhante à que vem sendo adotada em relação às novas tecnologias reprodutivas, onde tanto bioeticistas quanto representantes de movimentos religiosos ou de mulheres acompanham o desenvolvimento das pesquisas<sup>2</sup>. A vacinação obrigatória seria tema de simpósios, debates ou mesmo projetos de lei, tanto quanto são atualmente as questões do aborto ou da Aids, por suas implicações morais na saúde das populações.

Mas o que há de diferente entre os temas da vacinação obrigatória e o aborto ou a eutanásia? Por que essa sólida tranqüilidade com relação à vacinação não existe em relação a outros temas cujas histórias sociais são anteriores ao início do século? Dentre outras respostas possíveis a essas questões, a bioética sugeriria o seguinte argumento: o tema da vacinação conquistou uma certa serenidade moral ainda impossível para os temas do aborto ou da eutanásia; a vacinação não é mais alvo de discórdias morais, havendo, portanto, um certo consenso sobre sua eticidade. E exatamente por não ser ponto de conflito moral, a vacinação não compõe o rol dos temas analisados pelos bioeticistas. A bioética preocupa-se, portanto, com as situações de vida, especialmente dos seres humanos, situações essas que estejam em meio a diferentes escolhas morais quanto aos padrões de bem-viver. Dessa forma, a proposta de medição dos conflitos morais sugerida pela bioética distingue-se dos discursos filosóficos anteriores, tais como de

---

<sup>1</sup> Sobre as diferentes abordagens em bioética, vide o primeiro artigo da Coluna Bioética, Introdução à Bioética I, onde foram apresentadas as particularidades das três abordagens dominantes nos estudos introdutórios da biótica: abordagem historicista, abordagem filosófica e abordagem temática.

<sup>2</sup> Seguramente, caso venha a ser descoberta a vacina de imunização contra o vírus HIV, uma série de questionamentos serão postos em pauta. O teor das controvérsias, no entanto, não será em relação à importância da vacinação, mas sim quanto aos possíveis efeitos secundários que a vacina possa apresentar.

ética médica, principalmente pelo seu caráter não-normativo, não-imperativo e, especialmente, por sua harmonia com uma das maiores conquistas do mundo ocidental pós-iluminismo: o respeito e a tolerância à diferença moral da humanidade.

A discórdia moral naturalmente faz parte da vida humana organizada em sociedades. Onde houve seres humanos reunidos em sociedades existiram diferenças, diferenças essas que conduziram ao conflito. A novidade é que, para as sociedades herdeiras dos valores iluministas e defensores da democracia liberal, considera-se o dissenso uma qualidade a ser cultivada. A pluralidade de sujeitos morais é a marca de uma sociedade que se crê livre, democrática e que busca lidar com o conflito moral humano da forma menos violenta possível. A questão que persiste, no entanto, é saber em que medida é viável um projeto de respeito e tolerância à diversidade e que respeite as particularidades de cada crença, ao mesmo tempo em que evite a violência que acompanha os confrontos de moralidade.

A bioética faz parte de um desses projetos de tolerância na diversidade. Com o reconhecimento da pluralidade moral da humanidade, e conseqüentemente, da idéia de que diferentes crenças e valores regem temas como o aborto, a eutanásia ou a doação de órgãos, tornou-se imperativa a estruturação de uma nova disciplina acadêmica que mediasse esses conflitos cotidianos, comuns não apenas à prática médica. E é sob esse espírito tolerante que a bioética não elege certezas morais para a humanidade. A resposta definitiva para os conflitos não está em nenhum bioeticista ou corrente teórica, mas sim no próprio desenrolar da história moral das sociedades e dos indivíduos.

Sugestão de Leitura:

SINGER, Peter. *Ética prática*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.





## SUMÁRIO

LOPES, Marcia Werklehr Paganotto; BRUM, Zaléia Prado de; SOARES, Narciso Vieira; CARDOSO; Sandra Maria de Mello. Estilo de vida adotado por hipertensos acompanhados pelo programa de Agentes Comunitários de Saúde .....	11
EICKOFF, Mery Lilian; SOARES, Narciso Vieira; CARDOSO, Sandra Maria de Mello. O destino de resíduos dos serviços de saúde: uma preocupação da enfermagem.....	19
GOMES, Giovana Calcagno; OLIVEIRA, Janaísa Gomes Dias de. DORTs em trabalhadores da saúde: uma realidade que precisa ser prevenida .....	27
GARCIA, Heloísa Aikin; GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; CABREIRA, Graciela Oliveira. O início da escolarização como momento de promoção de saúde: uma estratégia da enfermagem.....	35
ÁVILA, Cleber Monteiro de; CECAGNO, Diana; SIQUEIRA, Hedi Crencencia Hekcler de. Registros de enfermagem – um estudo sobre sua prática .....	45
CABREIRA, Graciela Oliveira; COUTO, Zélia Seibt do; MINASI, Stella; CECAGNO, Diana; FERNANDES, Jeanice; KOWALCZYK, Sirlei; MAÇADA, Antônio Carlos Gastaud. Mapeamento dos artigos de uma revista de enfermagem de grande veiculação nos anos de 1997 a 2001 .....	57
SCAINI, C. J.; BERNE, M. E. A. Relação antigênica entre <i>Ascaris sp.</i> e <i>Toxocara canis</i> .....	71
D'ÁVILA, Nildo Eli Marques; BRANCÃO, Janice; CORNÉLIO, Paula; NUNES, Elisa. Hospital-Dia Pediátrico de AIDS: uma realidade desde 1996 no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. ....	77

